

Ecocentrismo e antropomania

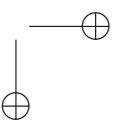
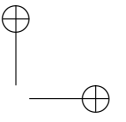
Reflexão sobre o cerne ontológico da
ecologia, a partir de um texto de Joaquim
Cerqueira Gonçalves



Américo Pereira

2019

www.lusosofia.net





LUSOSofia:press

Covilhã, 2019

FICHA TÉCNICA

DOI: 10.25768/fal.lus.2019.02

Título: *Ecocentrismo e antropomania. Reflexão sobre o cerne ontológico da ecologia, a partir de um texto de Joaquim Cerqueira Gonçalves*

Autor: Américo Pereira

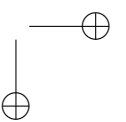
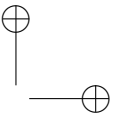
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

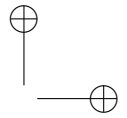
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: Filomena Santos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2019





Ecocentrismo e antropomania

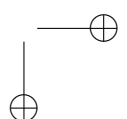
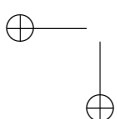
Reflexão sobre o cerne ontológico da ecologia, a partir de um texto de Joaquim Cerqueira Gonçalves*

Américo Pereira

O texto do Pe. Prof. Doutor Joaquim Cerqueira Gonçalves, que aqui nos serve de contexto e pretexto filosófico para reflectir acerca do cerne ontológico da ecologia, é dedicado, genericamente, a pensar a questão «globalização e ecologia». No seu segundo ponto, sob a epígrafe «Entre globalização e ecologia: o ambiente», encontramos afirmações de grande importância para a compreensão dos temas «ambiente» e «ecologia» como realidades que transcendentalmente superam os habituais sentidos que lhes são atribuídos, re-situando a intuição humana sobre o «ambiente» em *matriz ontológica: a questão do ambiente é a questão ontológica da entidade mundana geral de que a entidade humana é parte integrante*, não como conjunto de «coisas estáticas», mas como *actos possíveis* (ou, talvez, impossíveis), cuja *relação*, precisamente como realidades ontológicas, há que repensar.

Que fique bem claro: é mesmo a questão da compossibilidade da humanidade com o restante do ser mundano – chame-se-lhe

*O texto que serve de base a esta reflexão é «Globalização e ecologia» (GE), in GONÇALVES Joaquim Cerqueira, *Itinerâncias de escrita, vol. III, Escola/Ecologia*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2014, pp. 430-444.

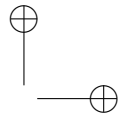


«ambiente» ou o que se quiser – que está em causa. Em causa não como capricho académico, político ou vulgarmente cultural, mas como questão ontológica. Ponha-se, então, a questão ecológica como deve ser posta, isto é, como «coisa ontológica», como acto ontologicamente entendido: *é ontologicamente possível a co-existência da humanidade e da restante realidade, precisamente a não-humana?*

A questão pode pôr-se de um modo diferente, mas que corresponde ao mesmo profundo questionamento: *cultura e natureza são compatíveis?* Adiantamos, já que, para o Pe. Cerqueira, «cultura» é compatível com «natureza» desde que não seja uma cultura de morte,¹ esta última impossível com tudo o mais, pois, para poder subsistir, tem de ser ao modo dos parasitas, sobrevivendo, apenas, até que aniquile esses de que vive e, assim, tudo destruindo. É precisamente esta faceta, possível e realizada, da cultura como parasita da natureza que põe a questão da possível co-existência com a natureza.

Uma cultura de vida implica, sempre, um sentido de comunidade, de literal convivência e co-existência com a natureza, tomando desta isso de que se necessita – em sentido forte – e retribuindo-lhe não com a violência do parasita, mas com a ternura do amante. É a lição profundamente franciscana do cultíssimo Francisco de Assis, irmão de todo o natural, mesmo da morte, esta entendida não como castigo, mas como meio de metamorfose entre mundos, o da natureza e dos seres humanos e o de Deus e dos seres humanos. De notar que a diferença reside em que no mundo de Deus não há natureza, pois não há dela carência.

¹ Expressão muito cara a Cerqueira Gonçalves, pela negativa, e que pode ser bem entendida através da leitura do capítulo desta mesma obra, intitulado: «Em louvor da vida e da morte – ambiente: a cultura ocidental em questão. Não está esta «cultura ocidental», sobretudo na sua faceta civilizacional, rapidamente a caminhar para o seu ocidente definitivo, isto é, para a sua morte, e morte sem metamorfose, possível, sequer?



Esta última afirmação implica que não haja algo como a natureza na eternidade, o que implica, por sua vez, que a noção comum de natureza seja posta de parte e se retorne ao sentido original de *natureza como um brotar de ser*, do mundo como um brotar de ser. Ainda neste sentido, a natureza surge, em absoluto, no mito judaico-cristão, quando Deus cria o mundo, como *acto móvel do mundo*. *A natureza é o acto móvel do mundo*.

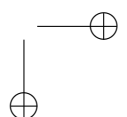
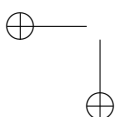
Natureza é, assim, precisamente, o *movimento ontogénico permanente do mundo*. Para Francisco, o Pobre-exemplar, nada de mal, neste sentido, pode haver na natureza, pois esta é como a operação da caridade divina.

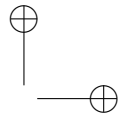
Ora, esta posição, que é ontológica, implica que *tudo o que é natural é bom*. A posição de Francisco compreende-se melhor, se se perceber que, se se eliminar o elemento humano do mundo, tudo o que fica é *apenas* bom, necessariamente bom: não há maus terremotos, etc. É, pois, o elemento humano que faz a diferença quanto à presença de algo que possa receber o nome de «mal» no mundo.

Esta posição situa a questão ecológica, mesmo a contemporânea, exactamente no seu lugar ontológico próprio: é o ser humano – *quando é mau* – que qualifica negativamente a realidade ecológica, esta em seu sentido mais lato possível: sem a presença humana, lembra-se, não há problema ecológico algum.

Exemplifique-se, não com elementos eruditos, mas com elementos retirados da realidade hodierna. Imagine-se o descongelamento maciço do gelo existente no planeta Terra: se não houvesse seres humanos, em que residiria exactamente o problema ecológico?

Imagine-se a irradiação solar grandemente aumentada e uma falha natural qualquer no escudo natural anti-irradiação que o planeta Terra possui: se não houvesse seres humanos, em que residiria exactamente o problema ecológico?





Imagine-se a atmosfera, ao nível da troposfera, recebendo incontáveis milhões de toneladas de dióxido de carbono, provenientes, por exemplo, de erupções vulcânicas ou da libertação a partir de hidratos de carbono de origem natural, se não houvesse seres humanos, em que residiria exactamente o problema ecológico?

Imagine-se uma nova colisão de um novo grande corpo celeste com o planeta Terra, que produzisse algo de semelhante ao que se pensa ter acontecido com a queda de um corpo gigante no que é hoje a zona geográfica do Iucatão, se não houvesse seres humanos, em que residiria exactamente o problema ecológico?

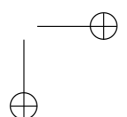
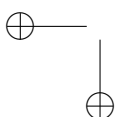
Imagine-se que uma “outra Ilha de Santorino”, ainda maior do que a real, com muito mais massa, explodia e provocava um maremoto muito maior do que todos aqueles de que há registo, se não houvesse seres humanos, em que residiria exactamente o problema ecológico?

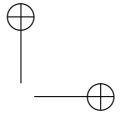
Imagine-se, por fim, uma grande escassez de peixe nos mares, lagos e rios, de animais e de vegetais em toda a parte, se não houvesse seres humanos, em que residiria exactamente o problema ecológico?

A conclusão é clara: *sem a presença da humanidade, nem sequer pode haver algo como um «problema ecológico»*. Nem sequer pode haver um «problema natural» ou «na natureza», pois mesmo estas concepções são estranhas à natureza, são especificamente humanas e marcadamente antrópicas, isto é, centradas no modo próprio de ser da humanidade.

Então, *o problema ecológico radica na humanidade, não na natureza.*

Poder-se-á perguntar: não residirá na «natureza humana»? Sem querer entrar na indecível discussão acerca do que seja a «natureza humana», discussão sempre marcada por auto-referencialidade insanável, assinala-se que, se natureza é movimento, então, o que estaria em causa na eventual «natureza humana» seria uma qualquer questão de movimento. Ora, é precisamente na realidade





ontológica do movimento humano que reside a questão ecológica: como agem os seres humanos? *Qual a qualidade* – mesmo em termos da quantidade da sua acção, pois a quantidade, neste âmbito, gera necessariamente qualidade – *da acção humana*?

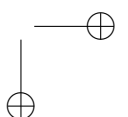
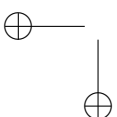
A questão posta deste modo é falsa, pois assume como real algo que é apenas do domínio nocional, talvez conceptual, se houvesse acordo acerca do que define o conceito de se ser humano. A questão real é: «como age cada ser humano como parte de um mundo em que a sua acção, precisa e exactamente, cria, pela negativa, pela negatividade possível da sua acção concretizada, a “questão ecológica”»??

Como ajo eu, como ages tu, como age ele, como agimos nós, ...?

Quer se saiba quer não; quer se queira saber quer não se queira saber, o ser humano, todo, cada um, faz parte do mundo, mundo que é não apenas «um ecossistema», mas *o único ecossistema que conhecemos* sendo nós parte dele integrante. Os únicos dois exemplos aparentemente exógenos a esta condição seriam os *habitats* provisórios, efémeros, das tripulações das viagens espaciais, especialmente aqueles *habitats* instalados nos módulos de excursão lunares e nas cápsulas de comando orbitais, bem como os *habitats* também provisórios, se bem que não tão efémeros, constituídos quer pelas estações orbitais de ensaio, a americana e a soviética, quer pela actual estação espacial orbital internacional.

Foi usado propositadamente o termo «aparentemente» porque todos estes ecossistemas não imediatamente terrestres são, todavia, extensões do grande ecossistema terrestre, devidamente adaptado através de tecnologia adequada. Apenas quando se for capaz de descobrir um ecossistema não terrestre algures, podendo nele viver-se sem extensão do ecossistema terrestre, se poderá falar com verdade num «novo ecossistema».

Sem sair do registo laico deste estudo, é possível pensar-se o mundo narrado no início do *Génesis* como um planeta natural,



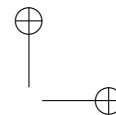
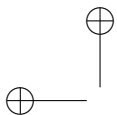
mundanamente cósmico, em que uma qualquer nave espacial tivesse deixado o casal Adão e Eva (há, aliás, teorias tão inteligentes quanto a deste exemplo que andam por aí no mundo das cosmologias acrílicas explicando o inexplicável) nesta mesma Terra, então naturalmente tão prístina quanto o Deus da *Bíblia* proclama a sua.

Não haveria Deus, não haveria revelação, não haveria espírito transcendente, não haveria diabólica serpente. Como agiriam Adão e Eva se fossem seres humanos como nós somos e não bestas naturais com forma exterior humana? Alguém acredita que a sua acção fosse diversa do que foi a acção dos vários «Adão» e das várias «Eva» que por este planeta têm andado desde que há humanidade?

Que cultura teria sido a deles? Uma cultura de cuidado com o ambiente, com a natureza terrena, de que não fazem parte, ou algo de semelhante ao que tem sido a história comum da humanidade, de parasitismo da natureza, no que a acção humana tem de excessivo quanto ao que toma da mesma natureza? Não é neste excesso que reside a questão ecológica? Tem, assim, a questão ecológica origem religiosa? Não, não tem, pois nada impediria que o casal inicial alternativo, prosaico e irreligioso, cometesse os mesmos atentados contra a natureza.

A origem da questão ecológica é, assim, cultural, como produto da acção humana; esta origem é irreduzível a qualquer outra: é do cerne ético, do cerne decisivo da acção humana que nascem os problemas ecológicos, e, com eles, a questão ecológica. De nada serve dizer que a culpa é de Zeus ou de Deus, porque, por exemplo, nenhum deles fuma e deita beatas para o chão, até porque, para os ateus, aqueles nem sequer existem.

O deus nosso de cada dia do caos ecossistémico *sou eu*, através de todas as acções que ponho no mundo e que atentam contra tal equilíbrio ecossistémico. A grande questão, possivelmente resolutive dessorra questão ecológica, se se for capaz de responder adequadamente, é esta: pode o ser humano, isto é, a humanidade

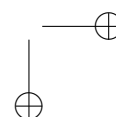
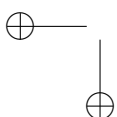


como totalidade dos seres humanos, co-existir com o ecossistema geral «Terra»?

O drama da questão é possivelmente trágico: se a resposta for positiva, esta coincidirá com o trabalhoso drama continuado de uma acção integrada no ecossistema terrestre, passível de permitir a subsistência humana, dado que a do ecossistema geral não é afectável radicalmente pela presença humana, não havendo nesta hipótese qualquer tragédia;² se a resposta for negativa, então, a tragédia revela-se em toda a sua plenitude, *pois o ecossistema terrestre evacuará, mais cedo ou mais tarde, a humanidade, a fim de poder subsistir. Subsistirá sem a espécie humana.*

Ora, se se pensar bem em muito do que se vai hodiernamente dizendo e escrevendo a propósito da questão ecológica, percebe-se, assim, que esta não consiste no que vulgarmente se apregeoa, mas na expressão variegada do *medo*, mais propriamente, da *angústia* que esta escolha produz em quem pensa nesta possibilidade natural de eliminação da espécie humana, que não é opção cultural, psicológica, sociológica, política ou mesmo ética, mas lógica, ao nível da lógica que serve a ontologia própria do ecossistema terrestre, in-

² A acção humana é capaz de afectar grandemente o ecossistema, sobretudo se se pensar na utilização de instrumentos poderosíssimos como são as armas nucleares. No entanto, a destruição de qualquer possibilidade ecológica em termos, por exemplo, de vida, só ocorrerá quando a interacção com o Sol determinar condições gerais de tal modo incompatíveis com qualquer forma ecossitémica que todas as possíveis até então sejam anuladas definitivamente. Se ocorrer a dilatação do Sol ou uma sua eventual explosão, tudo o que é compatível com a imaginação cénica terrestre a que estamos habituados sofrerá uma metamorfose radical, podendo mesmo o planeta Terra desaparecer como tal, numa nuvem de gás ionizado, de plasma. Apenas um evento desta magnitude pode ter este efeito. As poluições que nos incomodam, por exemplo, são isso mesmo: poluições que *nos incomodam* e que podem até fazer-nos desaparecer, mas são, cosmicamente, feitas à imagem e semelhança da nossa mediocridade, não são comparáveis com um Sol em expansão. Há que dar conta da nossa cósmica impertinente mania das grandezas, mesmo se concordamos com Pascal quando nos alça a grandes alturas espirituais de coisa consciente esmagável pelo cosmos. Mas isso é Pascal.



compossível com uma humanidade em grande parte depredatória e que põe em causa o bom funcionamento natural do ecossistema: a realíssima ecologia, que não é passatempo académico ou politológico, ou ciência, mas *o acto real do sistema natural constituído pelo planeta Terra, em suas relações*.

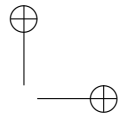
É neste contexto, não certamente com estas palavras, que são nossas e não do Autor aqui estudado, que se move o pensamento onto-ecológico de Joaquim Cerqueira Gonçalves, de que salientamos os seguintes pontos, que se consideram fundamentais.

No princípio deste seu segundo ponto de reflexão no texto sobre «Globalização e ecologia», Cerqueira Gonçalves pensa o ambiente como «função mediadora [...] entre globalização e ecologia». Não nos debruçamos, aqui, sobre a globalização, pelo menos directamente, antes nos interessa perceber o que é «ecologia», pelo que se avança, já, para a noção de «ambiente».

O Pe. Cerqueira, imediatamente situa o interesse contemporâneo pelo ambiente no lugar lógico que historicamente a este compete. Note-se que este é um lugar histórico, sociológico, psicológico, ético e político – em sentido escolar fraco, não no sentido motor fundamental da acção humana e da sua transcendência horizontal que entretece a realidade actual humana; este lugar de interesse parece ser tudo, menos ontológico; nele, parece importar tudo menos o ser de isso que se denomina como «ambiente». A centração é, assim, antrópica:

«A noção de ambiente, não sendo inteiramente nova [nota]³, ganhou foros de cidadania quando a degradação das condições do *habitat* no planeta mostrou que a vida do ser humano não podia ser dissociada da do meio em que estava inserida. Aliás, esta relação foi

³ Transcreve-se a nota, dada a sua importância em termos de erudição: «*Meio*, expressão que se deve a Jens Baggesen, enquanto que a de ecologia foi criada por Ernst Haeckel.».



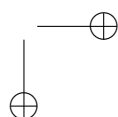
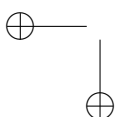
sempre reconhecida no que concerne às realidades biológicas [nota]⁴, das quais o ser humano faz parte, mas da qual tende a distanciar-se, para realçar a sua chamada natureza específica, a racionalidade.»⁵

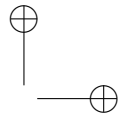
A atenção hodierna ao ambiente não releva de um cuidado ontologicamente fundado no ser quer dos elementos constituintes do ambiente quer neste como um todo dinâmico e necessariamente relacional, mas do medo que os efeitos da degradação ambiental sobre os seres humanos pode provocar e já está a provocar a um tal nível que o habitual desprezo pelo ambiente foi substituído por uma atenção ao mesmo. Ora, esta atenção deve-se a uma reacção ao medo das malfeitorias que os seres humanos *podem sofrer*, não a qualquer forma especial de amor pelo ambiente em si mesmo e por si mesmo. É, ainda, um modo antrópico de funcionamento da acção humana, reactiva, em função do seu exclusivo interesse. Trata-se de uma racionalidade reactiva.

Toda a reacção é um acto de motivação passional e heterónoma, logo, é um acto fundamentalmente heterónimo, negador do que deve ser a autonomia humana. Então, grande parte do que é apresentado como proclamada ou auto-proclamada «consciência ambiental» não é mais do que uma reacção de medo e existe apenas em função de tal medo; nunca existiria sem tal medo, pelo que se desmente, assim, que haja, em quem deste modo pensa e reage, qualquer verdadeiro interesse ontológico: o que há é o interesse de salvar a sua própria existência nem que para tal se tenha de se preocupar com o ambiente, sendo-se, deste modo, ambientalista ou ecologista a contragosto.

⁴ Transcreve-se a nota, dada a sua importância em termos de erudição: «M. Heidegger recorda isto mesmo em *Ser e Tempo*, § 12, referindo-se a K. E. von Baer. Também costuma ser lembrada a obra de Johann von Uexkuel, *Ambiente e Mundo Interno dos Animais*, já de 1909.»

⁵ (GE), p. 432.





Ora, *a atitude ecologista é uma atitude espiritual*, em que o acto do ser humano em consonância com o todo ambiental, de que fazem parte todos os seres humanos, é sempre um acto de *bem-querer activo* ao todo do ambiente, isto é, é um acto de amor para com o ambiente, todo, sem excepções.

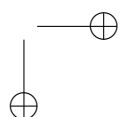
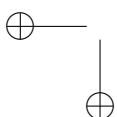
Não é esta realidade que se encontra na maioria do que se anuncia publicamente como «ecologista», sempre defendendo interesses, que são, também sempre, necessariamente parciais. Não há e não pode haver uma ecologia parcial, porque não há ambiente parcial: não há meio meio-ambiente ou algo de identicamente estulto. A realidade ambiental de que os seres humanos são parte é apenas uma e é insecável.

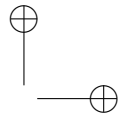
Não há, por definição, lugar algum no ambiente terrestre que não possa ser afectado pela má acção ecológica (anti-ecológica, de facto) dos seres humanos. Provavelmente não há já qualquer lugar pensável, pelo menos da parte correspondente ao ambiente que está ligada às camadas gerais superiores do planeta Terra, atmosfera incluída, que não esteja já definitivamente poluído, sobretudo se se tiver em consideração a poluição radioactiva, que tem uma capacidade de ubiquidade impassível de ser atenuada muito menos impedida.

A propósito desta centralidade antrópica, que designa como «omnímoda e arrogante referência humana»,⁶ diz o Autor estudado:

«Esta continuou – e continua ainda hoje – de tal modo absorvente que, na verdade, não é do ambiente que se trata, mas apenas do ambiente humano, o que de certo modo amplia a ilusão da onnipotência das formas humanas. Esta nota ganha importância e flagrante actualidade, se for recordado o habitual equívoco que domina a militância dos defensores do ambiente: mesmo

⁶ *Ibidem*, p. 432.





que estes não olhem exclusivamente para o ser humano, a sua preocupação, no entanto, circunscreve-se, fundamental e egoisticamente, à humanidade. Neste contexto, mais do que de ambientalistas, deve falar-se de antropómanos.»⁷

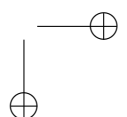
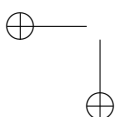
A quem estiver atento ao que se passa no mundo, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, em que estiveram em confronto concepções ecológicas totais, isto é, cosmovisões totais, algumas totalitárias, e em que a questão da definição cosmológica da humanidade não foi resolvida, permanecendo em aberto, as palavras acabadas de transcrever servem de substancial síntese do que está em causa e em curso nos dias que são os do primeiro quartel do século XXI.

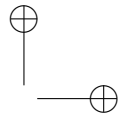
A questão ambientalista ocupa o lugar deixado em aberto pela inconclusiva disputa acerca do que a humanidade quer fazer de si e do mundo em que existe. É esta uma questão ecológica – sempre o foi, ainda que com nomes diversos; é esta uma questão antropológica – sempre o foi, e sempre o foi como, precisamente, *questão antropológica*.

Ora, o erro persistente reside em ser a perspectiva antropológica míope quanto à sua radicação ontológica na vastidão de um comum ser, de que depende e a que, em última análise, não se pode opor, como já o velho mito ecológico do livro do *Génesis* proclamara ao eliminar ecologicamente as cidades híper poluídas de Sodoma e Gomorra, fazendo notar que poluição é poluição, não interessa de que tipo é, e que só há ontologicamente um remédio para a poluição extrema, que consiste em erradicar a sua fonte, de preferência definitivamente.

A cessação da centração antropomaniaca do hodierno movimento ecológico reactivo – não de uma ecologia integral como acto espiritual de absoluta consonância com o ser do mundo, sem depre-

⁷ *Ibidem.*





dação, sem tirania, qualquer – não dependerá de uma clara *consciência*, talvez ainda nebulosa, de qualquer modo de tipo nocional e incoativo, *de que, precisamente, reside na centralidade antropomaníaca o problema ecológico?*

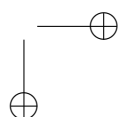
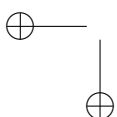
A angústia indisfarçada – de quem tem pavor de sofrimento e morte – que tal hodierno movimento transmite não dependerá de se ter a vaga noção de que o remédio ecológico definitivo passa pela eliminação, por aniquilação ecológica, assim económica, da antropomaníaca humanidade?

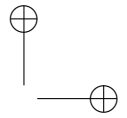
Todavia, quer do ponto de vista teórico quer do ponto de vista da relação da teoria com a possível prática e mesmo com a real prática, houve, senão um «tempo», pelo menos um «kairos», em que, nas palavras do Autor:

«A articulação da vida humana com o ambiente parecia traduzir, à primeira vista, o esbatimento do antropocentrismo, a caminho de um equilibrado ecocentrismo, que colocava o ser humano num *sistema orgânico de constitutivas relações* [sublinhado nosso]. Não obstante, porém, esse esforço, o distanciamento artificial do ser humano, relativamente ao meio, nunca foi vencido. Se a inextricável conexão com o ambiente indicava a insuficiência, não necessariamente negativa, do ser humano, que não poderia subsistir dissociado do universo, nem por isso deixava de considerar o ambiente em função da omnímoda e arrogante referência humana.»⁸

A questão ecológica, independentemente da sua ainda centralização antropológica – antropomaníaca quando se recusa a ser de outro modo – na questão da consciência, existe desde que o ser humano se auto-arvorou em dono de um mundo, que é um conjunto

⁸ *Ibidem.*





integrado de entes, relação de domínio que não é verificável senão por meio da ilusão de posse, fonte de toda a problemática ecológica.

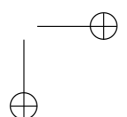
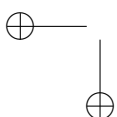
Esta *mania de posse* acompanha o ser humano desde que há dele notícia legível. Não é, assim, situada num qualquer tempo a questão ecológica: a relação do ser humano com o ambiente ou foi sempre uma relação de respeito ou uma relação de não-respeito, não havendo propriamente meio-termo, entre estas duas alternativas.

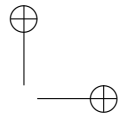
Deste modo, a questão ecológica acompanha os seres humanos sempre que estes não se limitam a *usar* o meio em que estão, e de que são parte constituinte, mas deste *abusam*, abusando de si próprios, tendo ou não disso consciência, apenas como forma de justificar o seu sentido psicológico de posse, ilusório substituto de um sentido ontológico de *se ser*, precisamente de se ser humano como parte de um cosmos sinfonial.

Não há aqui qualquer forma de utopia, apenas o que o próprio Pe. Cerqueira Gonçalves escreve, em notável frase de síntese: «*sistema orgânico de constitutivas relações*», expressão que já encontramos umas linhas acima.

O ambiente, a ecologia não como coisa pensada ou coisa académica ou coisa política disputada, mas como *acto do mundo* é exactamente *sistema orgânico de constitutivas relações*.

Deste sistema, fazem parte os seres humanos, mas também fazem parte todos – mesmo todos – os outros seres, da simples molécula de H₂, ao complexíssimo vírus, ao também complexíssimo ser humano, à também complexíssima «polis» humana em que o planeta já se transformou. Todos diferentes, mas todos contribuintes para que o sistema, simplesmente, seja, pois este é *e é apenas* algo de metaforicamente orgânico como um todo – e realmente é-o literalmente em partes suas –, todavia, é mesmo isso que é posto pelas constitutivas relações, sem as quais, simplesmente, não é e não pode ser.





Então, a grande questão ecológica é uma questão de *sistémica das relações entre os constituintes do ecossistema geral*. Ora, nunca houve qualquer problema com os demais constituintes como problematidade exógena relativamente ao sistema: é o ser humano que se instituiu perversamente como fonte de problematidade exógena ao sistema, embora dele faça parte. Não reside neste mui laico mecanismo humano o sentido profundo de uma agência satânica, precisamente essa que, de dentro do sistema, age nele como se algo de estranho fosse, ao modo de um cancro?

Não será a antropomania ao modo de um cancro ecossistémico? Sabe-se como os ecossistemas lidam com os parasitas, como o cancro, eliminando estes com a própria acção destes ao eliminar as suas vítimas.

Então, numa altura em que a antropomania é reforçada ao querer resolver-se as questões ecológicas com um ainda maior afastamento da humanidade do ecossistema através de um ainda maior reforço tecnológico que procure lidar com os problemas ecológicos, não se está a acelerar a caminhada para a morte da humanidade, ecossistemicamente entendidas, quer a humanidade quer a sua morte?

O bom caminho passa pelo abandono imediato do supérfluo de que *se tenha*, de que *haja* consciência, afinando cada vez mais a consciência da superfluidade da maior parte das posses, até que se possa *viver*, não apenas sobreviver, *apenas com o que é necessário*, ou, então, com isso que, através do respeito pelos mecanismos ecológicos, seja ecologicamente ciclável, como, por exemplo, naturalmente a água é.

Sem este sentido ecológico, o ser humano é apenas pó, que a natureza se encarregará de reciclar noutra coisa qualquer.

Neste sentido ecossistémico verídico, ninguém mais terrenamente laico do que Francisco de Assis, mas também ninguém mais celestialmente religioso: simbolicamente, tudo se joga entre haver sol ou não haver sol, o «irmão Sol» – e nós com ele.

